

A BIBLIOTECA PROF. PAULO CÉSAR BARBOSA DE OLIVEIRA EM BUSCA DE SUA IDENTIDADE

*Casemiro Silva Neto**

*“O tempo é a minha matéria,
o tempo presente, os homens presentes, à vida presente.”*

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Análise crítica da situação da Biblioteca Prof. Paulo César Barbosa de Oliveira, da Escola de 1º Grau D. Antônio de Almeida Lustosa (Fortaleza, Ceará). Considerações críticas a respeito da escola e da biblioteca na realidade brasileira.

ABSTRACT

Critical analysis of the situation of the Teacher Paulo César Barbosa de Oliveira Library, pertaining to the Dom Antônio de Almeida Lustosa School (Fortaleza, State of Ceara). Critical considerations about the school and the library within Brazilian reality.

1 - Introdução

Freqüentemente deparamo-nos, através de jornais, revistas, televisão e demais meios de comunicação, com pontos de vista profundamente críticos – e por vezes procedentes – acerca do papel desempenhado pelas universidades brasileiras e, em especial, quanto à atuação prática dessas mesmas instituições, quando inseridas dentro do discriminado e desassistido contexto social do Norte-Nordeste, onde as discussões acerca das questões de maior relevância para a sociedade, no entender de alguns estudiosos do assunto, não transcendem às paredes da própria universidade. Quando muito, são publicadas, mas esmaecem nas estantes das bibliotecas, desaparecem na palidez das páginas que o tempo e o esquecimento se encarregam de colorir.

(*) *Bacharel em Biblioteconomia. Trabalho individual apresentado ao 8º Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares, promovido pela Universidade Federal do Ceará.*

Tais críticas são também extensivas, em outras palavras, à postura adotada por muitos profissionais dos diferentes ramos do saber que ainda não se conscientizaram do compromisso que assumiram (embora implicitamente) com os destinos da sociedade. E, uma vez liberados por suas instituições de trabalho para se reciclarem e/ou se especializarem, retornam àquelas instituições de origem, após concluírem seus estudos, sem nenhuma intenção manifesta de colaborar com qualquer tipo de trabalho ou sugestão – frutos de suas novas experiências adquiridas – que possa contribuir para melhorar o nível do desempenho de suas atividades, preferindo, ao que parece, permanecer como antes: imobilistas, apáticos e eternamente tributários da falta de condições para que possam realizar o que costumam chamar de “um bom trabalho”.

Fatos dessa natureza, além de redundarem muitas vezes em ônus financeiro, desnecessário para suas repartições de trabalho ou para a própria Nação, inviabilizam a reivindicada necessidade de uma melhor capacitação profissional e invalidam, na prática, a importância de tais cursos.

Embora reconhecendo as dificuldades que se impõem à realização de um trabalho mais conseqüente em qualquer área, em face da política educacional e cultural adotada em nosso País, particularmente em nosso Estado – onde não há estímulo nem verba para nada –, é no setor educacional onde os obstáculos de toda ordem se tornam mais evidentes. De qualquer modo, é possível ser menos apático, há como ser menos cético.

A elaboração do presente trabalho resulta de estudos, debates, troca de experiências, vividos em sala de aula, durante a realização do Curso de Especialização em Administração de Bibliotecas Públicas e Escolares. E pretende, na medida do possível, contrapor-se ao tipo de apatia já mencionado, mas acima de tudo, ao ceticismo daqueles que não enxergam nenhuma brecha e, conforme Milanesi, cinicamente assumem o trabalho alienado, não acreditando haver, através dele, nenhuma forma de atuação política.

Trata-se, precisamente, da análise crítica da situação em que se encontra – no seu aspecto físico e bibliográfico – a Biblioteca Prof. Paulo César Barbosa de Oliveira, pertencente à Escola de 1º Grau Dom Antônio de Almeida Lustosa, que não difere muito de suas coirmãs, filhas da mesma rede oficial de ensino de 1º e 2º Grau.

Visa, ainda, a fornecer sugestões que possam contribuir para melhorar a atuação da referida biblioteca ante a comunidade escolar. E, dependendo dos rumos que possa tomar a política educacional e cultural do nosso Estado, ante a comunidade vizinha, onde a escola se acha inserida – extremamente necessitada de ensino, cultura e lazer.

É uma contribuição breve e simplória, diante do quadro desalentador que aí está, mas demonstra que à biblioteca e ao bibliotecário não interessa a opção de “servir como instrumentos de reprodução do saber autoritário e elitista”⁶. Interessa, sim, criar condições concretas para a fruição e democratização da educação e da cultura.

2 – Considerações teóricas

Se, como disse Monteiro Lobato – e não há como contestar tamanha verdade –, “um país se faz com homens e livros”, urge que todas as pessoas envolvidas direta ou indiretamente com a questão educacional brasileira, es-

pecialmente os portadores de títulos e prerrogativas de educador – no caso, professores, bibliotecários etc. –, tomem consciência da importância de suas atividades como intérpretes de uma realidade que precisa urgentemente ser alterada, a partir de suas próprias ações. A partir da “leitura do mundo” com maior profundidade, capaz de identificar a necessidade de descobrir novos caminhos e estratégias que resgatem o homem e o livro da inferior condição a que chegaram em nossa sociedade, colocando essas duas “matérias-primas” dentro de um valioso e conseqüente processo de interação.

A escola, apesar do seu atrelamento aos meios de produção e a despeito das teorias da reprodução, dada a natureza do trabalho que desenvolve, “tem um sério compromisso com a liberdade da sociedade brasileira, ao lado de outras entidades representativas da sociedade civil”. É inadiável o momento de romper com o “cerco ideológico” em torno do trabalho crítico dos educadores.

Ao que nos é dado observar, quer através do simples depoimento dos diferentes segmentos da sociedade, quer através de estudos mais específicos, constatamos que a sociedade brasileira está encontrando sérias dificuldades em sua trajetória. “É chegada a hora de se delinear um novo *que fazer* educativo”⁶. As novas finalidades para a escola brasileira, sem esquecer o componente *leitura*, na opinião de Ezequiel T. Silva, podem surgir das seguintes questões: Engolir a seco ou contestar? Reproduzir ou transformar? Oprimir ou libertar? Criar condições ou acomodar-se? A favor ou contra?

Entretanto, convém lembrar, mais uma vez, que um novo projeto educacional voltado para os reais interesses e necessidades da “massa estudantil” e da sociedade, do ponto de vista qualitativo, passa necessariamente pela organização e funcionamento de bibliotecas escolares, tem de contar com a participação e cooperação dos administradores, professores, alunos, bibliotecários e de membros da comunidade. É preciso não esquecer também que “a gestação de uma biblioteca escolar é tarefa árdua, e a implementação de um serviço bibliotecário na escola vai exigir suor. Suor que é o resultado de uma opção política e da tentativa de melhorar a qualidade do ensino e tirar os nossos alunos da situação de ignorância e mediocridade”⁶.

3 – A Escola Dom Antônio de Almeida Lustosa e sua biblioteca

3.1 – Histórico

O surgimento da escola em estudo, ao contrário do rio Nilo, não foi uma “dádiva divina” e tampouco terrestre; deve ser entendido, antes de tudo, como fruto do trabalho e da luta incessantes desenvolvidos por pessoas conscientes, comprometidas com as causas sociais. Dessas que, a despeito dos problemas enfrentados no dia-a-dia, ainda acreditam na possibilidade de construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Confunde-se, portanto, com a história dos grandes movimentos e lutas deflagrados, no mundo inteiro, pela emancipação das minorias, pela libertação dos oprimidos.

Dá merecer destaque especial o papel assumido pelos líderes daquela comunidade, dentre eles a figura corajosa de Lúcia Nunes Lima, que, juntamente com Francisco de Assis Pereira, seu filho, não hesitou um momento sequer, para levar às últimas conseqüências o encaminhamento das reivindicações daquele bairro, no sentido de sensibilizar as autoridades para pôrem

em funcionamento um prédio que fora construído para abrigar uma escola, mas que até então não passara de um grande depósito para material de construção.

Finalmente, após inúmeras tentativas frustradas, audiências, abaixo-assinados e outras formas de reivindicação, estava concretizado o grande sonho daquela população. Em 27 de maio de 1974 entrava em funcionamento a primeira unidade escolar do bairro, que fora denominada provisoriamente de Escola Almirante Garcia d'Ávila, sendo inaugurada oficialmente três meses depois (em 14/7/74), com o nome definitivo de Escola de 1º Grau Dom Antônio de Almeida Lustosa, figura de destaque dentro da comunidade religiosa brasileira, na época Bispo da Diocese de Fortaleza. A referida escola, pertencente à Rede Estadual de Ensino, encontra-se localizada no antigo bairro da Água Fria, hoje denominado bairro Edson Queiroz. Fica, mais precisamente, dentro do Conjunto Habitacional Almirante Oscar d'Ávila, ou Conjunto Habitacional do IPASE, como é mais conhecido, distante 50 minutos de ônibus do Centro da cidade.

Representando o Progresso, a Ciência e a Tecnologia, tem como vizinhos bem próximos a Universidade de Fortaleza – Unifor, a Imprensa Oficial do Ceará – IOCE e o Centro de Treinamento da Secretaria de Educação do Estado. Enquanto, representando o atraso, a pobreza e a ignorância, mas não muito distante, encontra-se a Favela do Gelo ou do Dendê, reduto do crime e da marginalidade, onde o “progresso” que fez mudar o nome do bairro pouco contribuiu para minorar a realidade social daquela gente, que permanece em péssimas condições de sobrevivência.

A escola acha-se devidamente reconhecida pelo Conselho de Educação do Estado, conforme Parecer nº 1 010/87, processo nº 928/87, com validade até 31/12/1991. Funciona nos turnos da manhã, tarde e noite, com 1 329 alunos, todos oriundos das adjacências, notadamente das favelas aqui já referidas. Possui uma diretora e duas vices. O corpo docente compõe-se de 42 professores, distribuídos da seguinte maneira: do pré à 4ª série, 28, e da 5ª à 8ª série, catorze. Dispõe de três orientadoras, três supervisoras, uma professora para sala de leitura e um bibliotecário. Os funcionários burocráticos, ligados à Secretaria são catorze, e os de apoio (serventes e vigias) somam dezesseis.

Do ponto de vista administrativo e pedagógico, apresenta-se bem conceituada junto à Rede Estadual de Ensino. Esforça-se, ao máximo, para cumprir com fidelidade todas as determinações recomendadas pela Secretaria de Educação.

Contudo, em face da ausência de uma biblioteca melhor equipada e mais adequada à realidade da escola, esta, a exemplo da maioria das escolas de nosso Estado – quer da rede pública, quer da privada –, continua agindo como instrumento imperfeito, “não apresentando condições concretas para a formação de leitores e, conseqüentemente, para a disseminação do hábito de leitura”⁶. Cumpre-lhe, portanto, a difícil tarefa de desenvolver suas atividades com extrema limitação de recursos financeiros, de material e, às vezes, de pessoal devidamente qualificado.

Quanto à biblioteca, como já se comprovou através de alguns estudos realizados nessa área – e a realidade não deixa mentir – que não há, por parte das autoridades governamentais e, paradoxalmente, tampouco por parte das autoridades educacionais, o menor interesse quanto à criação de bibliote-

cas públicas e escolares ou de instituições similares em nosso meio, além de o Conselho de Educação, no que lhe compete deliberar sobre o assunto, não dispôr de nenhum tipo de legislação que condicione a autorização para o funcionamento de uma escola à imediata obrigação da existência concreta de uma biblioteca naquela nova unidade de ensino, torna-se fácil imaginar de que maneira se formam as nossas bibliotecas escolares. Especialmente aquelas pertencentes à Rede Oficial de Ensino, cujo discurso propagado em torno da implantação de um projeto educacional crítico e transformador ainda não lhe permitiu ver que a *biblioteca*, uma vez melhor equipada e melhor utilizada, é o principal, senão o único, elemento capaz de respaldar essa idéia e deflagrar esse tipo de ação pedagógica.

A Biblioteca Prof. Paulo César Barbosa de Oliveira, objeto deste trabalho, embora na execução de suas atividades tenha procurado fugir ao destino reservado às suas coirmãs – quanto à insipiente atuação no processo ensino-aprendizagem –, na sua gênese coincide com a grande maioria das bibliotecas escolares. Teoricamente, possui a mesma idade da escola a que pertence, porém concretamente, vem se esforçando para existir há pouco mais de cinco anos, data em que a escola recebia, entre os técnicos em educação, um bibliotecário com formação superior. Mesmo assim, durante esses anos todos, nenhuma reivindicação levada pela direção da escola à Secretaria de Educação, tratando da necessidade de maior atenção para a biblioteca, foi atendida. Esta continua funcionando em condições precárias: mal localizada, inadequada do ponto de vista técnico e pedagógico; mobiliário improvisado, insuficiente e incompatível com as reais necessidades da organização do acervo e do atendimento dos usuários.

Como não há verba destinada à aquisição do material bibliográfico, com exceção de algumas obras de referência doadas pela Unifor, o acervo é formado, em sua maior parte, por livros didáticos doados pelos professores e vários outros tipos de livros e papéis obsoletos com que alguns senhores e algumas damas da sociedade, num gesto de suposta grandeza espiritual e intelectual, unem o útil ao agradável – livram-se dos entulhos e honram a biblioteca.

De qualquer modo, se a biblioteca em estudo teve a sua verdadeira ação comprometida pela falta de condições financeiras para compor um acervo adequado às necessidades de seus usuários, limitando-se a oferecer material de pouca relevância e diversificação, cuidou pelo menos de apalpar o terreno para o desenvolvimento de um trabalho conjunto, envolvendo biblioteca-sala de aula, conforme recomenda a moderna pedagogia.

Na Escola de 1º Grau Dom Antônio de Almeida Lustosa, o bibliotecário, ao contrário do que ocorre com muitos desses profissionais lotados em escolas públicas ou particulares, não abdicou do direito que lhe cabe como membro de uma comunidade educativa, tendo tomado assento na mesa dos docentes e discutido sobre o papel que bibliotecários e professores, biblioteca e escola têm a desempenhar, com eficiência, no âmbito da escola e da sociedade brasileira.

4 – A importância da Biblioteca Prof. Paulo César Barbosa de Oliveira na comunidade

Numa sociedade como a nossa, onde as estatísticas mais otimistas apresentam índices elevadíssimos em relação ao analfabetismo, à subalimen-

tação, ao salário dos trabalhadores e à falta de moradia, sem contar uma dívida externa que já ultrapassa a importância de 130 bilhões de dólares – para citar apenas alguns dos indicadores sociais –, há que se perguntar, conforme Althusser e Bourdieu: para que, não apenas escola, mas também biblioteca?

Ocorre que, enquanto no mundo inteiro a biblioteca é entendida como a base da cultura, fazendo-se presente na vida da sociedade, em nosso País, além de essa instituição não receber o devido apoio dos governantes – no que tange à definição de uma política para biblioteca –, por razões históricas e culturais não tem cumprido o seu verdadeiro papel e apresenta-se como estreatante no desenvolvimento de ações identificadas com a transformação social, com a libertação dos segmentos sociais menos privilegiados. Em decorrência de tais constatações, o conceito de biblioteca escolar teve de ultrapassar os limites da concepção tradicionalista, inserindo-se dentro da modernidade como “centro ativo de aprendizagem”¹.

Sua importância na comunidade está assegurada pela Declaração do México de 1979, onde ficou patente a necessidade de que “...os sistemas educacionais sejam planejados e atuem em uma perspectiva de educação permanente: que se estabeleça uma relação estreita entre a educação escolar e a extra-escolar”¹.

Com vistas ao alcance desta aspiração, a biblioteca em estudo, face ao contexto social onde se acha inserida, pode contribuir de várias maneiras:

- a) Na falta de serviços especialmente dirigidos às famílias e demais membros da comunidade, a biblioteca escolar tem o dever de abrir suas portas a um público mais amplo. Agindo assim, estará ajudando a pôr em prática a educação permanente nos dois sentidos: primeiro, possibilitando a educação para os que não tiverem acesso à escola na infância, e segundo, como meio de atualização de conhecimentos.
- b) Respalhando os programas que são desenvolvidos em termos de educação formal e não-formal para adultos, campanhas de alfabetização e pós-alfabetização.
- c) Buscando de diversas formas o estabelecimento da relação escola-comunidade.
- d) Desenvolvendo atividades que envolvam a comunidade, no sentido de resgatar a memória do bairro. Torna-se necessário que o homem do povo seja estimulado a registrar de alguma forma a participação que teve em movimentos sociais, políticos, religiosos, como assistiu à chegada do progresso e que recordação guarda do passado.
- e) Reunindo o maior número possível de informações sobre o bairro onde se acha localizada.
- f) Promovendo exposições periódicas no recinto da biblioteca, utilizando-se de materiais e objetos de interesse da própria comunidade.
- g) Oferecendo materiais diversos que estimulem e valorizem a leitura no lar.

É evidente que a biblioteca aqui referida, conforme exposição no decorrer do trabalho, não apresenta condições suficientes para o desenvolvimento de uma ação cultural mais abrangente, ao nível do que propõe Paulo Freire, quando se refere à importância das “bibliotecas populares”, e Milane-

si, com relação aos “centros de informação e convivência”, uma vez que essa biblioteca não conta com um acervo capaz de, quando consultado, suscitar dúvidas e “propiciar o conflito de discursos”⁵.

Por isso, para atender ao mínimo da demanda, de maneira mais adequada, carece que seja urgentemente melhorada no seu aspecto físico e bibliográfico. Precisa definir-se em espaço amplo e mobiliado, onde possa acomodar o acervo e os usuários que a procuram. O acervo necessita ser ampliado e enriquecido com material bibliográfico e não-bibliográfico. Há deficiência de literatura, de obras de consulta e referência, bem como de outros temas que possam interessar ao leitor na formação de seu pensamento crítico. O acervo da biblioteca pode ser acrescido, ainda, de documentos e outros materiais doados pela comunidade, a partir do momento em que se estabeleça a troca de experiência com ela. Fotos, fitas gravadas com depoimentos e outros tipos de material passarão a fazer parte da biblioteca.

5 - Conclusão

Observando atentamente o comportamento de nossas instituições, nota-se que muitas delas, por razões diversas – mas especialmente pela falta de identificação com o povo –, tendem, irremediavelmente, a cair no descrédito da sociedade. Se é assim com as instituições políticas, sociais, religiosas etc., o que dizer, então, daquelas instituições de caráter educativo-cultural?

A biblioteca, razão maior do estudo ora desenvolvido, de acordo com a infinidade de conceitos estudados e analisados, apresenta-se como a instituição mais completa de todas.

Entretanto, mesmo que em outras partes do mundo seja ela entendida como a base da cultura, o fato é que em nosso meio, particularmente em nosso Estado, em relação à prática, pouco tem conseguido em torno de seus verdadeiros objetivos, pois se os consegue realizar do ponto de vista técnico – com organização e funcionamento adequados aos cânones da biblioteconomia –, falha na pretensão ao alcance social, na identificação com as necessidades de mudança de mentalidade da população, na criação de conflitos – fundamentos básicos que justificam a existência desta instituição, que, pela natureza das atividades que pode desenvolver, é também política e social.

Se a saída para muitos dos problemas enfrentados pela sociedade brasileira pode ser confiada à educação, passa também pela necessária redefinição do papel da biblioteca escolar no contexto educacional. Haja vista que esta instituição, atuando dentro da perspectiva de mudar, com objetivos claros, dotada de um acervo diversificado posto à disposição da comunidade e capaz de despertar o senso crítico do leitor, estará efetivamente contribuindo para minorar não apenas as condições de vida daqueles que habitam a Favela do Gelo ou do Dendê, mas de toda a sociedade brasileira.

A biblioteca escolar, juntamente com a biblioteca pública e outras instituições similares, assim organizada, além de ajudar a reduzir o índice de analfabetismo, também ajudará a erradicar outros males sociais.

6 - Referências bibliográficas

- 1 - ANTUNES, Walda de Andrade – trad. – **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares: Colômbia, Costa Rica, Peru e Venezuela.** Brasília. Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares/FEBAB, 1985.

- 2 - CHAUFÉ, Marilena. **Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- 3 - FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1988.
- 4 - FREITAG, Bárbara. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo, Cortez; Antunes Associados, 1987.
- 5 - MILANESI, Luiz. **Ordenar para desordenar: centros de cultura e bibliotecas públicas**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- 6 - SILVA, Ezequiel Theodoro da. "Biblioteca escolar: da gênese à gestão". In: Zilberman, Regina - org. - **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 4. ed. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1985.
- 7 - "O SONHO da liberdade sem medo". **Leia**. São Paulo, dez. 1988. p. 41-2.

*
* *